

**UM ESTUDO DIACRÔNICO DA CONCORDÂNCIA VERBAL
EM RIO BRANCO – AC (1997 E 2009)**

Rosseline Muniz e Silva (UFAC)
rosselinem@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa, em andamento, busca investigar e analisar a concordância verbal nas construções frasais realizadas por falantes rio-branquenses, através de um estudo comparado/diacrônico. A concordância verbal no português brasileiro tem-se mostrado propensa à variabilidade como foi comprovado através de vários estudos e particularmente em Rio Branco com o estudo de Rodrigues (1997). O fenômeno em questão será investigado sob a perspectiva diacrônica, possibilitando assim uma análise em tempo real e tempo aparente, observando as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes em momentos distintos, e como refletiram no desenvolvimento do português brasileiro. Os dados a serem trabalhados neste estudo serão registros de entrevistas semiestruturadas, gravadas para a análise da regra variável na modalidade falada e fazem parte do material gravado do banco de dados do projeto ecossistema linguístico do Acre, ao qual serão acrescentados novos dados de gravações a serem realizadas no desenvolvimento da pesquisa. A amostra é aleatória estratificada, sendo dividida a população em células compostas de indivíduos com as mesmas características sociais a partir disto serão analisados os fatores linguísticos e extralinguísticos. O modelo teórico metodológico que orienta este trabalho é a sociolinguística variacionista (laboviana, quantitativa), que abraça a crença de que toda mudança implica um período de variação passível de sistematização e, uma vez implementada, produz reflexos no sistema linguístico e social. Esta análise de como a comunidade de fala rio-branquense se comporta frente à escolha das variantes no uso de verbos poderá fornecer dados que atestem ser esse fenômeno uma característica atual do português brasileiro, para isso será realizado um estudo diacrônico entre os anos de 1997 e 2010.

Para Labov (1972) a língua é de alto grau de diversidade e de variabilidade, e deve ser analisada no contexto da sociedade por meio do desempenho linguístico. Entretanto, apesar de a língua portuguesa possibilitar ao usuário escolha para suas construções frasais, sua gramática normativa prescreve normas e estruturas do chamado padrão culto da língua.

Nos séculos estudados por Bessa (2004) a língua portuguesa era a única que possuía a grafia e assim era a língua opressora mais acabou se legitimando através da oralidade. Esse fenômeno é visto

hoje através da busca por uma gramática normativa da língua portuguesa, porém ela se concretiza através dos diversos falares.

A pesquisa em questão envolve seres humanos, tem um público alvo de diferentes idades, sexo, escolaridade, todos esses informantes são habitantes da cidade de Rio Branco, extremo norte do Brasil, Amazônia, uma região que apresenta uma heterogeneidade social, cultural, linguística e histórica devido aos grandes fluxos que recebeu desde a chegada de seus primeiros habitantes.

Portanto, a pesquisa leva em consideração essa diversidade, e procura observar quando se deu as variações, observando as temporalidades e espacialidades dos sujeitos da pesquisa.

Tendo como objetivo principal analisar a maneira como os verbos são flexionados em relação às pessoas gramaticais utilizadas pelo falante rio-branquense observando quais fatores sociais e linguísticos influenciam a escolha de determinada variante. Esse estudo busca investigar o fenômeno em questão sob a perspectiva diacrônica, possibilitando assim uma análise em tempo real e tempo aparente, observando as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes em momentos distintos e como refletiram no desenvolvimento do português brasileiro. Com isso, pretende-se observar como o falante faz as escolhas para suas construções frasais e demais fatores condicionadores. Como sugere Tarallo (1986):

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. É o sistema dessa situação de heterogeneidade que deve ser estudado pelos sociolinguistas variacionistas.

A pesquisa em questão se insere no quadro da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; DUARTE, 1999) que associa pressupostos teóricos da Teoria Variacionista ou Sociolinguística (LABOV, 1972). Daquela vem à crença de que toda mudança implica um período de variação passível de sistematização e, uma vez propagada/implementada, produz reflexos/encaixamento no sistema linguístico e social, isto é, propicia o aparecimento de outras estruturas associadas a ela de forma não acidental. (*apud* DUARTE, 2003).

De acordo com Sankoff (1969, *apud* RODRIGUES, 1997) defende que os traços linguísticos não podem ser entendidos apenas em termos de suas relações internas na gramática, mas devem ser vistos

como parte de um contexto sociocultural mais amplo, no qual eles ocorrem. Assim, de acordo com Rodrigues acredita-se que a concordância verbal é uma área particular da gramática intimamente entrelaçada com os domínios social e cultural.

Como já é sabido, a identidade é produzida pelo discurso é a linguagem que a estrutura e a organiza através do estudo da variação em determinados aspectos ira nos levar a compreender mais claramente a multiplicidade que existe em nossa cidade, estado e país de uma maneira ampla.

No entanto, sabemos que o preconceito através da variação linguística persiste, principalmente no âmbito escolar o que leva muitas vezes o aluno a não compreender e se desinteressar do aprendizado da variação de prestígio de sua língua materna a qual esta sendo submetido nos bancos escolares e o deixam em uma situação inferior, não lhes é informado que por tantos contatos através do tempo a mistura foi inevitável e ali o que ia aprender é apenas mais uma forma de utilizar a língua portuguesa.

O valor de uma sociedade vem da diversidade cultural, do “diferente”, em outros termos é através dessa diversidade que juntamente com a aprendizagem se torna parte da riqueza de um povo, na medida em que passam a valorizar e compreender a diferença buscam abordagens diversas para os fenômenos, então essa diversidade enfatiza a compreensão e o respeito essenciais em uma sociedade multicultural. Mas para isso é preciso reconhecer a diferença, e valorizar a própria cultural que não é una.

A respeito da língua podemos dizer que ela é um dos elementos de maior diversidade, visto que é supraindividual, isto é, não esta no controle de nenhum indivíduo, ela se modifica com os contatos estabelecidos já a fala é algo individual porem sofre modificações a partir das experiências vivenciadas por cada individuo. No entanto a maior função da língua é estabelecer comunicação entre os interlocutores.

Para Chomsky, a língua é o resultado da evolução da espécie, é um sistema natural, podemos levar em consideração essa afirmação visto que o homem procura a comunicação por isso a formação de dialetos resultantes do contato de muitas línguas e que se fizeram ne-

cessário a partir do momento da necessidade de uma comunicação entre seus falantes.

O homem que está inserido em uma sociedade mantém relação com o outro através da linguagem, assim aquele que detém o código escrito representava o poder.

O falante apresenta naturalmente variações na realização de seus enunciados, a língua esta sempre em variação, e quando o processo é verificado em diferentes gerações e faixas etárias dá-se o nome de mudança linguística, e ao ocorrer temos em concorrência diferentes variedades. Essas transformações na língua refletem na identidade do sujeito e estão intimamente ligadas com as modificações que ocorrem na sociedade na qual está inserido.

Hall (2003) denomina como sujeito pós-moderno aquele sem identidade fixa, definida historicamente, com identidades contraditórias, em torno de classe, gênero, etnias etc. O sujeito do projeto que desenvolvo apresenta através da fala marcas de uma identidade híbrida, por seus contatos e historia de vida, e isso reflete em sua linguagem, em sua fala, o que se caracteriza como o que se denomina de “deslocamento”.

O fenômeno em estudo constitui-se num processo sócio-histórico em que a linguagem, mas especificamente a fala é formada através de contatos e trocas realizadas entre membros de comunidades, assim as identidades se constituem nas relações mediadas e construídas pela linguagem.

Sabendo que a identidade é produzida pelo discurso, que é a linguagem que a estrutura e a organiza. Assim num processo de interação social se faz necessário é possível verificar questões de identidade, que considerem o uso situacional da linguagem, o tempo, o espaço, e o processo de formação das mudanças linguísticas.

A variação linguística pode ser considerada uma característica identitária e na pesquisa em andamento será trabalhada em um estudo diacrônico entre os falantes dos anos de 1997 e 2010, observar as características de cada momento, será observado também os fatores que influenciaram essas escolhas dos falantes, lembrando que os informantes serão nascidos em Rio Branco e não tenham passado mais de dois anos ausentes da mesma, pois para essa análise é preciso que

sejam naturais da cidade pesquisada, levando em consideração as trocas estabelecidas durante a ausência.

Linguagem e identidade demonstram ter ligações inquestionáveis, especialmente quando se pensa o que a fala pode revelar do falante. Desde o conhecimento do idioma o que pode determinar a aparência social e algumas vezes até mesmo o sexo e idade do falante, até a maneira como fala, de onde fala, reações de timidez, tudo isso passa pelo modo como se usa a língua e a fala.

A língua constitui-se em uma atividade essencialmente social é condicionada e modelada pela realidade social e cultural. No caso específico da comunidade brasileira, há de se levar em conta o fato de a língua-padrão estar diretamente ligada à classe dominante. Disso decorre que as variedades não padrão e seus falantes serem altamente estigmatizados dentro sociedade. O estigma associado aos traços da fala é um dos fatores de discriminação e inferiorização do sujeito e de toda uma classe social, incluindo sua história e sua cultura. Assim somente um olhar global sobre o ser humano é capaz de superar o desafio da complexidade dessas relações.

Por ser um sistema de possibilidades a língua oferece um conjunto flexível no que diz respeito às regras de seleção, combinação e substituição sem comprometer ou alterar a interação. Não há hierarquia entre os usos variados da língua assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. As pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira.

Segundo Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e está associado a múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

Na história oficial do Brasil, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade prestigiada em detrimento de

todas as outras, é a chamada norma-padrão ou língua-padrão, é a que foi eleita como representativa de um país, é ensinada e aprendida na escola. Quando uma variedade de língua é eleita variedade padrão, ela ganha status e passa a ser instrumento de dominação sobre as demais variedades que passam a ser consideradas inferiores, devido a uma visão preconceituosa, perpetuada de alguma maneira pôr meio das regras impostas pela gramática da língua escrita, que legitima a linguagem padrão como única. Aqueles que utilizam a língua padrão são os que detêm o poder.

No caso do Brasil, a norma-padrão atual foi determinada pelas mudanças de polos econômicos, políticos e culturais do país e reforçada pelo preconceito que impõe uma suposta superioridade do falar dos escolarizados sobre o falar daqueles que não tiveram acesso aos bancos escolares.

Com isso percebemos que a variação linguística tem caráter fluido, múltiplo e inacabado que são características da identidade do sujeito pós-moderno. Assim como a identidade não homogênea, unitária, fechada e acabada a língua e principalmente a fala também não é, ambas estão abertas e inacabadas capazes de transformações e mudanças.

E ainda, o processo de formação das identidades está entre dois pontos: um que busca fixar e estabilizar a identidade e outra que, ao contrário, a desestabilizam. Por isso, da mesma forma que a linguagem, a identidade sempre escapa a fixação esta sempre em processo de mistura, de modificação.

A pesquisa, portanto, tem o intuito de argumentar, a partir dos resultados derivados dos dados empíricos, que os recursos oferecidos pela língua, mesmo aqueles que vão de encontro à gramática normativa, não devem ser considerados como erro ou corrupção da norma (norma no sentido de padrão-culto), pois bem se sabe que a língua é heterogênea e diversificada (TARALLO, 1986), sendo sujeita, portanto, a variações; e estas várias possibilidades dentro da mesma língua como forma de expressão possibilitam, acima de tudo, estabelecer uma perfeita comunicação entre os interlocutores que usam uma ou outra forma, para expressar-se da melhor forma possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CERQUEIRA, V. C. A forma genitiva 'dele' e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: ROBERTS, I e KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel – história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organizado por Liv Sovik. Traduzido por Adelaide La Guardia Resende et alii. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I e KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- RODRIGUES, Dinah de Araújo. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 1997. Dissertação de Mestrado em Sociolinguística.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.
- TARALLO, F. *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Campinas: UNICAMP; Pontes, 1989.